RESUMO
É um desafio contemporâneo para muitas famílias pais e alunos, que se depara com a ocorrência do autismo no universo escolar, em seu meio ou até mesmo na sociedade. É uma deficiência de causa genética difícil diagnóstico e laudo para famílias de baixa renda existem muitos pré-conceitos, com ocorrências indefinidas, embora tenham diversas teses elaboradas por pesquisadores nacionais e internacionais, permanecendo um vasto desafio em nosso sistema educacional em esfera nacional à inserção correta e equidade para o estudante tenha seus direitos preservados. Assim, o presente estudo busca servir de base sobre o tema para o desenvolvimento de pesquisas futuras e um olhar necessário para causa. Ao utilizar ações lúdicas em sala, o educador precisa ter a consciência de que o mesmo pode dar ou não os resultados, uma vez que a atividade proposta estará envolvida com múltiplos fatores e dificuldades para a gestão em sala de aula, os quais irão variar de acordo com o grupo, cabendo ao professor adaptar e refletir sobre sua prática conforme o grupo com o qual pretende trabalhar, para que isso ocorra com sucesso é necessário que o professor esteja capacitado, e pesquise para atuar de forma consciente de que atividades e experiências alternativas, como o lúdico, promovem a aprendizagem no aluno conforme suas habilidades e interesses que precisam ser investigados com seus familiares e terapeutas, médicos e equipe multidisciplinar.

PALAVRAS-CHAVE: Autismo; equipe multidisciplinar, professor.

ABSTRACT
It is a contemporary challenge for many families, parents and students, who are faced with the occurrence of autism in the school world, in their environment or even in society. It is a deficiency with a genetic cause that is difficult to diagnose and report for low-income families, there are many preconceptions, with undefined occurrences, although there are several theses elaborated by national and international researchers, remaining a vast challenge in our educational system at the national level for correct insertion and equity for the student to have their rights preserved. Thus, the present study seeks to serve as a basis on the topic for the development of future research and a necessary look at the cause. When using playful actions in the classroom, the educator needs to be aware that it may or may not give results, since the proposed activity will be involved with multiple factors and difficulties for classroom management, which will vary according to the group, and it is up to the teacher to adapt and reflect on his practice according to the group he intends to work with. For this to occur successfully, the teacher must be trained and research to act in a way that is aware of which activities and Alternative experiences, such as play, promote student learning according to their skills and interests, which need to be investigated with their families and therapists, doctors and multidisciplinary team.

KEYWORDS: Autism; Education; Pedagogy.

INTRODUÇÃO

Atualmente cresce o número de alunos com autismo manifestam alterações no desenvolvimento infantil nos primeiros meses de vida, estima-se que estas manifestações ocorram aproximadamente entre os seis e os trinta e seis meses de idade, principalmente. Prejuízos significativos na interação social, com alterações de linguagem, nas relações interpessoais, caracterizada por déficit interação social e no relacionamento com os outros, na capacidade imaginativa e nos movimentos, são algumas das características apresentadas, afetando, de modo geral, seu comportamento social sendo assim um desfio para escola como um todo, e para ações governamentais.

A brincadeira é uma ocupação agradável, ela ajuda na ampliação de conhecimentos e na aprendizagem e na interação com o colega e o meio originando processos de socialização

e descoberta do aprender de forma lúdica. Os primeiros anos de vida são decisivos na formação da criança, pois se trata de um período em que a criança está construindo a consciência que ela tem dela mesma e grande parte de sua estrutura física, sócia afetiva e cognitiva.

Contudo sozinha e sem intencionalidade, a brincadeira em si não vai ensinar, é preciso um direcionamento pedagógico pensando para interagir o aluno com autismo que precisa de um maior acompanhamento e suporte, o brincar sozinho deve ser trocado por um brincar em grupo, é preciso que a criança aprenda interagir e se sociabilizar.

Segundo Kishimoto (1993) Desde cedo, as crianças se expressam por meio de gestos e sons, e, posteriormente, pela imaginação. Brincar é uma atividade essencial para o desenvolvimento da identidade e da autonomia. Pode-se afirmar que se trata de uma prática natural, espontânea e imprescindível para a formação das crianças

Ao utilizar ações lúdicas intencionais em aula, o professor precisa ter a consciência de que o mesmo pode dar ou não os resultados, uma vez que a atividade proposta estará envolvida com múltiplos fatores e dificuldades para a gestão em sala de aula, os quais irão variar de acordo com a adaptação potencialidades e dificuldades do aluno, cabendo ao professor adaptar estratégias e pesquisa sobre o autismo, para que essa ação tenha sucesso é necessário que o professor esteja capacitado e sempre em formação continua e sobretudo, consciente que ação pode e vai ter sucesso com um planejamento constante.

Segundo Moratori (2003), ao escolher uma atividade lúdica, o educador deve estabelecer objetivos claros. Essa atividade pode ser empregada para conhecer melhor o grupo com o qual está trabalhando ou para estimular o desenvolvimento de uma área específica, promovendo aprendizagens direcionadas.

A metodologia e a didática intencional do professor vão trazer a mediação gradativa para que o aluno com autismo necessita para sua real participação em sala é preciso despertar na turma onde o aluno se encontra um clima agradável para sua inserção para que até mesmo os outros alunos compreendam um pouco o universo do colega autista.

A organização da didática é de fundamental importância para o professor, é através da didática que o professor pode realizar sua aula com sucesso. Além disso, a didática não se limita a um conjunto de técnicas, mas envolve a compreensão do contexto educacional, o perfil da turma, os desafios e as possibilidades presentes no processo de ensino e aprendizagem. Essa organização permite ao professor ser mais reflexivo e adaptável, tornando suas aulas não apenas bem-sucedidas, mas também significativas para os alunos.

Quando o professor planeja seus conteúdos fica fácil de aplicá-los no caso do autismo e imprescindível, assim podemos dizer que a organização da didática é de suma importância para a formação do professor, onde ele poderá observar o que pretende desenvolver em suas aulas.

Desta forma o professor tem como objetivo estimular a reflexão sobre os deveres possibilidades metodológicas que possam respeitar as diferenças individuais dos alunos nas aulas realizando um ensino global.

O professor deve buscar as potencialidades e necessidades do aluno autista que pode ser em diversos campos artes, matemática, música e outros aumentando assim a autoestima do aluno frente às adversidades que venham a surgir aumentando as possibilidades do aluno e que ele se sinta motivado no âmbito escolar é importante que o professor pesquise formas e saiba como reage o aluno frente a situações corriqueiras que o aluno pode apresentar como reações ao toque ou até mesmo gritos agitação.

Outro indicativo que devemos observar diante da criança com hipótese de diagnóstico de autismo seria: a falta de interesse por brincadeiras comuns a sua faixa etária, desviar o olhar quando alguém conversa com ela, comportamentos repetitivos: girar em torno de si mesma, balançar a cabeça e agitar objetos, pode apresentar manifestações de autoflagelo, cortando- se, machucando-se ou batendo com a cabeça contra parede, dificuldade em se misturar com outras crianças, crianças com problemas gastrointestinais têm dificuldade para segurar

a urina e as fezes. Mesmo quando adultos, muitas vezes precisam utilizar fraldas (SILVA e PERANZONI, 2012, p.1).

O objetivo das ações educacionais, ou seja, a prática do educador é, em primeira instância, adequar condições necessárias para que todos os alunos, sem qualquer ressalva, desenvolvam suas capacidades, salvo suas diferenças, a fim de que esses exerçam sua cidadania de forma plena e integral. As escolas são vistas como pequenos sistemas de modelo da sociedade as quais são capazes de transmitir valores e práticas educacionais, que podendo ser positivos ou negativos dependendo também da ação do professor e equipe escolar, esses ensinamentos serão usados durante a vida e autonomia. Daí toda a sua importância na vida dos educandos.

Todas as organizações possuem objetivos definidos, assim como os recursos humanos e materiais necessários para alcançá-los. Um centro educacional, por sua vez, é uma organização voltada para a formação e educação dos cidadãos. Para atingir esse propósito, ele utiliza determinados meios e recursos materiais, cuja coordenação eficaz é essencial para cumprir sua missão (COOL et al, 1995, p. 296).

Entendemos, no entanto, que uma educação para todos especialmente os alunos com autismo depende de uma política educacional que os inclua de forma efetiva e real no sistema de ensino englobando currículos, projetos de cunho pedagógico, independentemente das diferenças seja ela qual for tomando como base uma sociedade democrática.
Um dos maiores desafios para se garantir uma qualidade de ensino e também aprendizagem é o de existir essa política educacional forte na formação dos professores e de um bom projeto político pedagógico. A educação especial também entra nesta abordagem, considerando que ela deve integrar todas as modalidades e níveis de ensino, tal qual a educação regular. A formação de todos os professores atuantes na escola necessita de uma coerência com a política educacional que busca a integração e inclusão dos alunos com necessidades especiais no ensino regular.

Projeções da Organização Mundial da Saúde mostram que no Brasil vivem cerca de 30 milhões de pessoas portadoras de deficiência, com diversos graus de comprometimento físico e mental. Menos de 10% dessas pessoas recebem atendimento médico e educacional adequado, por falta de uma política voltada para a deficiência. Isso apesar da lei n 7.853 de outubro de 1989, que dispõe sobre o apoio aos portadores de deficiência e sua integração social (MANTOAN, 1997, p.104).

A imensa necessidade em que o educador tenha acesso a cursos, palestras, formação continua e também terem apoio de profissionais como psicólogos, e auxiliar de sala e outros especialistas sala de apoio educacional, para auxiliarem neste trabalho difícil no dia-dia escolar. Portanto, entendesse que o trabalho como Autismo é um tema ainda a ser muito trabalhado em nossa sociedade.
Os alunos com autistismo apresentam dificuldades, pois apresentam inúmeras desordens em seus comportamentos, e para isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias eficazes a fim de alcançá-los em suas potencialidades. Por outro lado, os autistas também apresentam inúmeras habilidades que devem ser também estimuladas e trabalhadas por meio de estratégias com materiais adaptados, para que tenham a chance de alcançar sucesso na escola e em suas vidas para que seus direitos sejam preservados.
Fala-se muito da educação especial e inclusiva de alunos deficientes visuais, auditivos, físicos, mentais, entre outros, porém o autista muitas vezes tem sido esquecido.
O autismo apresenta desafios únicos que requerem estratégias específicas para que esses alunos sejam efetivamente incluídos e apoiados em seu processo de aprendizagem. Eles necessitam de adaptações pedagógicas, maior conscientização por parte dos educadores e, principalmente, de um ambiente que compreenda suas particularidades e fortaleça suas potencialidades. Sem um olhar atento para esses aspectos, a inclusão dos autistas corre o risco de ser apenas simbólica, sem promover uma verdadeira integração e aprendizado.

Para mudar esse cenário, é indispensável investir na formação continuada dos professores, na ampliação de recursos especializados nas escolas e na construção de um diálogo constante entre educadores, famílias e especialistas. Só assim será possível garantir que o aluno autista receba o suporte necessário para se desenvolver plenamente, tornando-se parte ativa e valorizada do ambiente escolar. Afinal, a inclusão verdadeira é aquela que se empenha em atender a todos, sem exceções.

Há falta de incentivo das autoridades competentes e nas políticas educacionais com relação à formação de profissionais capacitados e habilitados para atuarem com esse aluno vindos de camadas esquecidas de nossa sociedade e como efeito, vemos uma "lacuna" existente na vida de autistas e de seus familiares que se veem sem auxílio adequado.

Em se tratando da formação inicial, entendemos que apesar da grande necessidade, muitos cursos de formação de professores não promovem o desenvolvimento e aprofunda- mento na área das necessidades especiais, ou até, por várias vezes, não divulgam este conhecimento de forma plena.

É fundamental uma formação contínua, o que se apresenta aos professores raramente está inserido na sua realidade em que se identificam os problemas das necessidades especiais, no caso em questão o autismo, sem contar que a disponibilização de recursos materiais oferecidos é crítica, insuficiente e pouco eficaz.

Libâneo (2001, p. 77) diz que diante das novas realidades e da complexidade dos saberes que compõem a formação profissional atual, os educandos necessitam de uma formação teórica mais sólida, aliada à capacidade prática para atender às demandas da profissão. É igualmente essencial que desenvolvam propósitos éticos para lidar com a diversidade cultural e as diferenças. Além disso, destaca-se a importância de melhorias nas condições de trabalho, nos salários e no exercício profissional, elementos indispensáveis para o pleno desenvolvimento dessa formação.

A educação de pessoas autistas também está inserida no contexto escolar e não têm recebido devida importância e atenção necessária. Sabe-se que a educação especial e muitas vezes o professor diante da sua realidade estrutural, não tem dado conta desses alunos, cujo comportamento é diferente enigmático, provocando até mesmo sentimento de incapacidade e incompetência nas ações didáticas por falta de recursos.

O AUTISMO A FAMILIA E ESCOLA

É de enorme importância à participação conjunta entre a família e a escola e equipe multidisciplinar para que se faça um trabalho conjunto, geralmente pode haver um impacto principalmente se o professor não tiver nenhuma experiência com o autismo e suas singularidades, o aluno pode trazer consigo sinais corporais, fala repetitiva gritos ou até mesmo agressividade, o ambiente educacional para o aluno autista é um lugar de desafios.

É preciso que a escola realmente faça uma inclusão fazendo um trabalho pedagógico para que também os outros alunos entendam o que é deficiência para que não exista nenhum clima de discriminação, sabemos que ainda falta muita estrutura nas escolas brasileiras para acolher de forma harmônica esse aluno, mas a lei garante a esse aluno não só sua matrícula, mas também a qualidade e conforto na oferta do ensino. Portanto, na escola (CARVALHO, 1998, p.170 apud CIDADE, R. E.; FREITAS, P. S. 2009). Pressupõe, conceitualmente, que todos, sem exceção, devem participar da vida acadêmica, em escolas ditas comuns e nas classes ditas regulares onde deve ser desenvolvido o trabalho pedagógico que sirva a todos, indiscriminadamente. (CIDADE e FREITAS, 2002, P. 3)

A escola pode ser um veículo facilitador junto à sociedade onde está, poderá adquirir basear e modificar conceitos de participação, colaboração e adaptação. A inclusão do aluno autista é, portanto, um processo que contribui para a comunicação de um novo tipo de sociedade mais inclusiva através de transformações, pequenas e de grande relevância através do acolhimento.

Para melhor compreender as necessidades apresentadas pela maior parte dos alunos portadores de qualquer necessidade especial no caso o autismo, é necessário que o

professor entenda sobre estas patologias, para poder melhor atender e identificar o nível e quais as necessidades apresentadas pelo educando e de que maneira deve ser conduzido o trabalho pedagógico para integrar e adaptar o conteúdo para o aluno com necessidade especial, tanto ao conteúdo desenvolvido em sala de aula quanto ao que se refere à integração desse portador com os outros alunos da classe e a escola em si.

Segundo Elias; Assumpção (2000) o autismo está classificado na subcategoria dos transtornos invasivos do desenvolvimento e inclui prejuízos na interação social, na comunicação, padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses, atividades e início antes dos 3 anos de idade. [...] Para Tolipan (2000) pode-se encontrar "estados ou formas autistas" associados a outras patologias, tais como a epilepsia, paralisias cerebrais e síndromes genéticas, dentre outras. Isto torna o diagnóstico difícil e é muito frequente o autismo passar despercebido e ser confundido com outros quadros patológicos. Como em qualquer patologia, os casos mais graves são mais facilmente identificáveis (VIEIRA e SIQUEIRA, 2010, p. 1).

O ritmo frenético do mundo moderno tem impactado profundamente as dinâmicas familiares, gerando um distanciamento que, em muitos casos, compromete a essência da convivência familiar. As demandas do trabalho, os compromissos constantes e até mesmo o uso excessivo da tecnologia têm criado barreiras para momentos que antes eram tradicionais e fundamentais, como as reuniões familiares, conversas descontraídas, almoços compartilhados e celebrações em conjunto.

Além desses fatores naturais, em alguns casos excepcionais os pais concebem um filho com alguma patologia, seja ele físico ou mental, e muitas vezes incidem a ter um sentimento de culpa, de negação para com essa criança, a mãe por pura proteção esconde seu filho do mundo, protegendo de tudo e de todos, se defende e acaba dificultando o desenvolvimento psicomotor e cognitivo de seu filho.

Os pais tendem a esconder seus filhos ou mesmo não levando até a escola negando o aprendizado, fugindo do convívio em sociedade, tentam proteger dos insultos, das artimanhas e preconceitos que a sociedade tende a ter com o uma pessoa com hábitos diferentes.

Toda criança tem direito fundamental a educação, [...] possui características, interesses, habilidades e necessidades de aprendizagem que são únicas. [...] Todos os governos e demandados, [...] aprimorem seus sistemas educacionais no sentido de se tornarem aptos a incluírem todas as crianças, independentes de suas diferenças ou dificuldades individuais etc. (Declaração de Salamanca, ONU, 1994) (SOUZA e FACHADA, 2012, p. 1).

A escola tem fundamental importância no nível da educação e transformação, na preparação de estratégias para que estes alunos consigam desenvolver competências e habilidades para se sociabilizar e interagir com as outras crianças, já os familiares tem também um papel muito importante no que se refere ao apoio realizado, pois é a responsável por dar atenção, os cuidados, carinhos e zelar pela criança no seu lar e por toda vida.

É necessário dispensar algumas horas para que as crianças possam se sentir queridas e mostrar o que aprenderam, os pais podem incentivar a comunicação e espontaneamente, criando situações e estímulos que provoquem a necessidade de comunicação. Não se deve antecipar tudo o que a criança precisa, devem-se criar momentos para que ela sinta a necessidade de pedir aquilo que precisa impulsionando o aprendizado em casa dando continuidade ao trabalho realizado pela escola.

O nível de desenvolvimento da aprendizagem do autista geralmente é lento e gradativo ou rápido precoce, portanto, caberá ao professor adequar sua metodologia e comunicação a cada aluno. É de responsabilidade do professor a atenção especial e a sensibilização dos alunos e dos envolvidos para saberem quem são e como se comportam esses alunos autistas para que se possa incluir de forma a não se constranger o aluno bem como incluir realmente o aluno no universo escolar afim que sua participação na escola não seja um fracasso.

O aluno com autismo pode reagir de forma

agressiva quando submetida ao excesso de pressão barulho até mesmo toque e, diante disso, é preciso levar em conta se a metodologia está sendo adequada, ou se precisa haver outras alterações conversa com a família adequação a brinquedos e formas de abordagem ao falar com o aluno ou até mesmo se pode o não tocar, pois algumas crianças reagem negativamente ao simples tocar que com tempo essa barreira pode diminuir conforme aluno e professor estabelecer um maior contato afetivo e também terapias fora da escola.

Há uma série de estratégias que pode ajudar o relacionamento entre o professor e a criança autista e demais estudantes. Isto porque o maior desafio para o profissional é rememorar da teoria aprendida na faculdade, na hora em que as situações estão ocorrendo. Fazer esta adaptação do conhecimento teórico para a prática é muito difícil principalmente na hora de maior tensão e cobranças profissionais e desafios encontrados na escola.

A sociabilização é o principal objetivo do trabalho com crianças autistas, ensinar conteúdos funcionais para a criança autista é o maior objetivo de um trabalho adequado e que realmente vai acrescentar algo a vida do aluno e a persistência é um grande aliado desta realização. Todo trabalho de interação da criança com objetos educacionais e com situações do meio deve ser feito conjuntamente ao trabalho de capacitação do professor aliando a comunicação da equipe pedagógica e multidisciplinar.

As crianças autistas parecem que aprendem e entendem melhor vendo do que ouvindo. Por isso, quando pequenas, é interessante estabelecer estímulos. É importante a prosseguimento fora da escola para o ensino para uma criança autista, para que se torne mais independente e autônoma e menos isolada, mesmo que isto envolva várias experiências, e ela não consiga assimilar. É preciso atender prontamente toda vez que a criança autista solicitar e tentar uma comunicação, quando ocorrer de chamar uma criança autista e ela não atender, é necessário ir até ela, pegar sua mão e levá-la para fazer o que foi solicitado. Toda vez que a criança conseguir realizar uma tarefa, ou falar uma palavra, ou enfim, mostrar progresso, é conveniente reforçar de forma positiva os elogios. Quando se deseja que a criança olhe para o professor, se segura delicadamente o rosto dela, direcionando-o para o rosto do professor. Pode-se falar com a criança, mesmo que seu olhar esteja distante, tendo como meta um desenvolvimento de uma relação baseada em controle, segurança, confiança e amor. O conteúdo curricular e fazer pedagógico de uma criança autista devem estar de combinação com seu potencial, de acordo com sua idade e de acordo com o seu interesse com estratégias lúdicas em torno do seu aprendizado integral.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A unidade escolar como espaço de transformação e aprendizagem deve se apropriar dos conteúdos científicos mais também tem que utilizar como ferramenta o lúdico como ferramenta que por sua vez vai trazer o universo da criança em contato mais rápido com a aprendizagem e sociabilização, que para o aluno autista vai fazer total diferença visto que para inserção futura do aluno com a síndrome na sociedade.

Para toda ação educacional com alunos com autismo, é preciso ter forte determinação e pesquisa de capacitação profissional, sendo este essencial valor para que se possa desenvolver uma prática educacional adequada com a realidade que traga conforto ao aluno, que junte o ensino com a reflexão. Também, devem-se considerar os autistas e suas necessidades e potencialidades, levando para a prática a atenção para que seus direitos sejam preservados em sua totalidade. É essencial o educador com ampla formação geral, com capacidades educativas e interdisciplinares busque metodologias a fim de lidar com os seus alunos de forma a atender suas necessidades isso porque, a formação superior não garante uma prática com qualidade, e sim uma qualificação na área profissional. Para se lidar com as inúmeras diversidades existentes no âmbito escolar, é preciso muito mais que a graduação.

É imprescindível ter reflexão pedagógica para atender a necessidade e direitos da criança para que possamos ter uma sociedade mais justa e igualitária com equidade.

A grande necessidade em que o educador tenha acesso a cursos, palestras, e também terem apoio de profissionais como psicólogos,

neurologistas, médicos e outros especialistas para auxiliarem neste trabalho difícil no dia-dia escolar. Portanto, entendesse que o trabalho como Autismo é um tema ainda a ser muito trabalhado em nossa sociedade.

Os autistas são tesouros a lapidar e desenvolver ações de cunho pedagógico, pois apresentam inúmeras habilidades a serem exploradas, e para isso, é necessário o desenvolvimento de estratégias eficazes a fim de alcançá-los em suas limitações. Por outro lado, os autistas também apresentam inúmeras habilidades que devem ser também estimuladas e trabalhadas por meio de estratégias adaptadas, para que tenham a chance de alcançar sucesso na escola e em suas vidas.

Ouve-se muito da educação especial e inclusiva de alunos deficientes visuais, auditivos, físicos, mentais, entre outros, porém o autista muitas vezes tem sido esquecido.

Há um descaso das autoridades competentes e nas políticas educacionais com relação à formação de profissionais capacitados e habilitados para atuarem com esses alunos vindos de camadas esquecidas de nossa sociedade e como efeito, vemos uma "lacuna" existente na vida de autistas e de seus familiares que se veem sem auxílio adequado.

Em se discutindo sobre formação inicial, entendemos que apesar da ampla necessidade, muitos cursos de formação de professores não promovem o desenvolvimento e aprofundamento na área das necessidades especiais, ou até, por várias vezes, não divulgam este conhecimento de forma plena.

É imprescindível uma formação contínua, o que se apresenta aos professores, raramente está inserido na sua realidade em que se identificam problemas das necessidades especiais no caso em questão o autismo, sem contar que a disponibilização de recursos materiais oferecidos é crítica, escassa e inadequada.

REFERÊNCIAS

BECKEMKAMP, Daiana. MORAES, Marcos. A utilização dos jogos e brincadeiras em aula: uma importante ferramenta para os docentes. EFDesportes.com, Buenos Aires, v. 18, nº 186, novembro. 2013. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd186/jogos-e-brincadeiras-em-aula.htm. Data de acesso: 03/05/2014.

CIDADE, R. E. FREITAS, P. S. Educação Física e Inclusão: Considerações para a Prática Pedagógica na Escola. Integração, v. 14 – Edição 202 Especial - Educação Física Adaptada, p. 27-30,2002.

CIDADE, R. E. FREITAS, P. S. Introdução à educação física Adaptada para pessoas com deficiência. Curitiba: UFPR, 2009.

COLL, C; PALACIOS, J; MARCHESI, A. Desenvolvimento Psicológico e educação - Necessidades Educativas especiais e aprendizagem escolar. Porto Alegre: Artmed, 1995.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. Jogos Infantis: O jogo, a Criança e a Educação. Rio de Janeiro: Vozes, 1993.

LIBÂNEO, José Carlos; Adeus professor, adeus professora?: novas 203 exigências educacionais e profissão docente. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MANTOAN, Maria Teresa Eglér. A integração de pessoas com deficiência. São Paulo: Memnon, 1997.

MORATORI, Patrick Barbosa. Porque utilizar jogos educativos no processo de ensino aprendizagem? Universidade federal do Rio de Janeiro - Instituto de matemática. Rio de Janeiro, RJ, 2003.

ONU - Organização Das Nações Unidas. Declaração de Salamanca: Sobre Princípios Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais. Procedimentos-Padrões das Nações Unidas para a Equalização de Oportunidades para Pessoas Portadoras de Deficiências, A/RES/48/96, Resolução das Nações Unidas adotada em Assembleia Geral Disponível em: http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf.

ORRÚ, Sílvia Ester. Autismo: o que os pais devem saber. Rio de Janeiro, 2009.

PERANZONI, Vanessa C. ZANETTI, Adriane. NEUBAUER, Vanessa S. Os jogos, os brinque-

dos e as brincadeiras: recursos necessários na prática educacional cotidiana.

EFDesportes.com, Buenos Aires, v. 18, nº 182, julho. 2013. http://www.efdeportes.com/efd182/os-jogos-recursos-na-pratica-educacional.htm. Data de acesso: 10/05/2014.

SILVA, Daiana Guarda da. PERANZONI, Vaneza Cauduro. Autismo: um mundo a ser descoberto. EFDesportes.com, Buenos Aires, nº171, agosto.2012. Disponível em: http://www.efdeportes.com/efd171/autismo-um-mundo-a-ser-descoberto.htm. Data de acesso 15/05/2014.

VIEIRA, Adilson Fábio. SIQUEIRA, Patrícia C. M. Uma reflexão sobre portadores de autismo, paralisia cerebral, deficiência visual e auditiva e sua inclusão na escola.

EFDesportes.com, Buenos Aires, v. 15, nº 147, agosto. 2010. http://www.efdeportes.com/efd147/portadores-de-autismo-e-sua-inclusao-naescola.htm. Data de acesso: 10/05/2014.